

As pupilas do Senhor Reitor e os fidalgos da casa mourisca: uma investigação sobre a transitividade Diniziana em diversas estéticas literárias¹

Ana Lúcia Lima da Costa Schmidt²
 Andreia Silva de Assis³
 Clodoaldo Sanches Fófano⁴

Resumo: O presente estudo tem como objetivo verificar de que maneira o autor português Júlio Diniz apresenta em *As Pupilas do Senhor Reitor* e *Os Fidalgos da Casa Mourisca* características das escolas literárias árcade, romântica e realista. Apresenta a transitividade diniziana nas estéticas literárias, apontando como o romancista volta ao Arcadismo, conserva as características românticas e antecipa as realistas dentro de um cenário romântico, provando que o autor não se detinha em um único estilo. Esse estudo foi fundamentado na pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, lançando-se mão de diferentes fontes que permitiram a verificação e confirmação do tema abordado. Para a análise proposta aqui, utilizou-se Massaud (1981), Diniz (1954, [s.d.]), Cunha & Oliveira (2003) para corroborar com o conceito de transitividade aplicado, justificando o percurso realizado pelo referido autor, Lopes (2005), Nicola (1999), entre outros. Assim, comprova que nenhuma ruptura é completa especialmente em literatura.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa. Escola Literária. Júlio Diniz. Transitividade.

Introdução

A sociedade portuguesa do século XIX teve em seu cenário literário um dos maiores escritores de seu tempo: Júlio Diniz. Literato que contribuiu de maneira ímpar para os estudos literários ao propor em seu romance em análise um panorama dos acontecimentos culturais portugueses, pois além de contribuir para o crescimento do público leitor, mostrou claramente que as divisões didáticas dos estilos de época nos estudos literários, são para ilustração dos fatos ocorridos.

1. Este artigo é uma versão resumida do 2º capítulo da monografia apresentada ao curso de Letras. O TCC foi orientado pela primeira autora, produzido pelos outros dois autores e defendido em dezembro de 2008, no Centro Universitário São José de Itaperuna UNIFSJ.

2. Pós-doutora em Cognição e Linguagem (UENF), Doutora em Ciência da Literatura (UFRJ), Mestre em Teoria da Literatura (UFJF), Coordenadora e docente do curso de Letras da Fundação Educacional e Cultural São José de Itaperuna (UNIFSJ). E-mail: dr.analucialima@gmail.com

3 Mestre em Cognição e Linguagem, pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Docente da rede pública estadual de ensino. Email: andreiad.silva@hotmail.com

4. Mestrando em Ciências das Religiões, pela Faculdade Unida de Vitória. Docente dos Cursos Técnicos na Escola de Aplicação da Fundação Educacional e Cultural São José de Itaperuna (UNIFSJ). E-mail: clodoaldosanches@yahoo.com.br.

Mesmo pertencendo ao período literário denominado Romantismo, Júlio Diniz manteve características árcades e antecipou as realistas, não se restringindo apenas ao seu momento literário. Nesse sentido, faz-se necessário verificar de que maneira o autor apresenta em seus romances tais características. Para tanto, pesquisou-se essas características na literatura portuguesa, a fim de apontar como o romancista retoma algumas, conserva umas e antecipa outras.

O presente estudo, de cunho bibliográfico, pretende demonstrar as ideologias que levaram o autor a conservar e antecipar as características dos movimentos literários em questão, e comprovar que as estéticas literárias não estão em compartimentos estanques, podendo ser mesclados nos períodos de transição concorrendo para o chamado hibridismo em literatura.

Quando se fala em transitividade, a princípio remete-se a trânsito, a passagem de um ponto a outro, de uma extremidade a outra. Ao apropriar-se do conceito da gramática tradicional, alguns estudiosos funcionalistas, como Cunha; Oliveira; Martellota (2003, p. 37), definem “*transitividade* refere-se à transferência de um agente para um paciente.”

Assim a questão da transitividade de nomes e verbos é objeto de estudo dos teóricos e gramáticos a fim de se encontrar uma resposta para todo movimento feito pela língua no tempo e no espaço. Em Literatura não poderia ser diferente, porém seu sentido é ligado ao trânsito que alguns autores fazem entre os movimentos literários, dando aos estudiosos literários fundamentos para concluir que não é possível colocar em compartimentos estanques cada estética, pois o que se tem são continuações ou aperfeiçoamentos de certas características.

Na literatura, parece que esse trânsito é feito a partir de um amadurecimento dos autores que lhe atribui à necessidade de transitar. Assim, essa necessidade leva-os a transitar em busca de outros estilos para se completarem, tornando-se dessa forma agentes. E os estilos literários que os completam são seus pacientes, conforme acontece na transitividade de nomes e verbos, uma transferência para dar significado pleno.

Seguindo o raciocínio supracitado, esse trabalho ganha força e forma, pois seu fundamento é mostrar exatamente que Júlio Diniz é um desses autores que não

se detém em apenas uma parte da literatura, faz seu nome perpassando de maneira graciosa e harmônica pelas escolas árcade, romântica e realista, sem permitir que ocorra um abismo nessas passagens.

1. A manifestação do Arcadismo, Romantismo e Realismo nos romances “As Pupilas do Senhor Reitor” e “Os Fidalgos da Casa Mourisca”

1.1 As Pupilas do Senhor Reitor

Margarida caiu sufocada de choro, junto do leito da morta. Não lhe restava no coração a menor sombra de ressentimento contra aquela que a fizera tão infeliz. Eram sinceras, como poucas, as lágrimas dessa órfã.

Passado tempo, sentiu que um braço a levantava. Voltou-se: era o reitor, que olhava para ela comovido.

— Muito bem, Guida, muito bem! - exclamou o velho com entusiasmo - Essas lágrimas são generosas, são verdadeiras joias da tua boa alma. Elas devem ser de grande alívio para aquela cujo maior pecado neste mundo foi o muito que te fez padecer.

E daí por diante ficou o reitor tendo por súbito conceito a Margarida.

Júlio Diniz, “As Pupilas do Senhor Reitor”.

A sociedade portuguesa do século XIX já estava enfadada com as tragédias dos romances românticos. Diante disso, Júlio Diniz renova o cenário literário com suas crônicas de aldeia, que era a fulguração para o mundo rural português.

Júlio Diniz publicou o romance de aldeia “As Pupilas do Senhor Reitor” em Portugal no ano de 1867. Esse romance, assim como outros do autor, não pode ser aprisionado dentro de um único movimento literário, pois apresenta características anteriores e posteriores ao Romantismo.

O autor trouxe à tona características árcades atraindo o público leitor para um novo conceito de literatura romântica, valorizando a natureza que era vista como um modelo de equilíbrio e saúde auto-renovadora.

Temendo represálias, assim como os árcades, Júlio Diniz optou usar pseudônimos porque a sociedade portuguesa do século XIX não aceitava bem os escritores da época, sendo vistos e julgados como irresponsáveis.

Apesar de ser um romance Romântico, “As Pupilas do Senhor Reitor”, trouxe em seu contexto características marcantes do Arcadismo.

O bucolismo e a simplicidade descrita fizeram com que o enredo do romance ganhasse de imediato à aprovação do público leitor. Essas características têm raízes filosóficas profundas. O francês Jean Jacques Rousseau (1750) em seu livro “No discurso sobre as ciências e as artes” defendia o mito do bom selvagem, onde o conflito entre a sociedade moderna e a natureza humana acaba por ressaltar que a sociedade corrompe os bons costumes do homem, proclamando a volta à natureza como a única maneira de resgatá-lo. A condição de simplicidade e bucolismo como ideal de vida no campo está narrada no capítulo XV (p. 108):

A casa era toda caiada de branco, abria para a rua duas largas janelas envidraçadas, que alguns pequenos vasos de flores adornavam. De um e de outro lado prolongava-se um lanço de muro de sólida alvenaria, igualmente caiado, e que a folhagem do pomar interior sobrepujava, caindo para o caminho as balsaminas em festões verdes e floridos.

Mais um trecho que também mostra a simplicidade das personagens encontra-se no capítulo VII (p. 41), onde descreve Pedro, o filho mais velho do Sr. José das Dornas: “Votado, [...] aos trabalhos da lavoura, as horas que tinha de ociosidade empregava-as a dormir, sono que as fadigas do dia faziam digno de inveja.”

A personagem trabalhava tanto na lavoura de seu pai, que não tinha outras aspirações, estava satisfeito e, ao término do dia, sentia que seu dever estava cumprido. Em relação à simplicidade, Moisés (1981, p. 190), afirma:

A natureza, sobretudo aquela intocada pela mão do homem, é sempre o remansoso cenário para o desenrolar macio de algumas vidas desambiciosas e tranquilas, guiadas inalteradamente por enraizadas certezas na bondade humana e numa ordem e justiça de extração divina.

O princípio do filósofo Rousseau foi seguido pelos árcades que acreditavam ter no bucolismo o ideal de vida, tendo como principais fundamentos *fugere urbem* (fugir da cidade) e *carpem diem* (gozar o dia) inspirados no poeta latino Horácio. Tal característica pode ser observada na personagem Clara, no capítulo XVI (p. 116 e 117):

Clara possuía um gênio, com o qual se não davam as apreensões. Não calculava conseqüências. A vida para ela era o presente. Raras vezes lhe lembrava o passado; o futuro não lhe tomava muitos momentos de meditação também.

O fundamento *fugere urbem*, mais ligado à teoria do bom selvagem formulada por Rousseau, pode ser identificada em Daniel, que é enviado para a cidade do Porto para formar-se doutor, porém, ao sair de sua aldeia, promete que ao voltar se casará com a Margarida. Com o passar do tempo, os novos hábitos que Daniel ia adquirindo foi afastando o casal, como pode ser observado a seguir no capítulo X (p. 70): “Mas, pelos seus novos hábitos de vida, Daniel distanciava-se daquela que conhecera em criança; nem dela talvez se lembrasse já.”

Ao retornar a sua aldeia, Daniel é indiferente a tudo, como evidencia o capítulo XV (p. 104): “Havia muitos anos que Daniel observava um sistema de vida, que de todo o trazia desfeito dos hábitos campestre e indiferente às coisas e pessoas da localidade que o vira nascer.”; e a Margarida, como descrito no capítulo XV (p. 109): “A indiferença, com que Daniel passava por ela, o modo por que a saudara, a frieza com que lhe ouvira o nome [...] tudo lhe mostrou que a não conhecia já.”.

Outra característica árcade conservada pelo autor no romance em estudo é a imitação dos clássicos gregos; a mitologia pagã foi retomada como elemento estético. No capítulo XVIII (p. 134) lê-se: “[...] e como estou convencido assavam os seus carneiros aqueles heróis da Ilíada;” e no capítulo XXIV (p. 180) confirma-se: “Oh sonho dourado dos poetas de Gregório e Idílios, como eu me estou deliciando em ti! [...]”.

No período árcade, o rei D. João V desejava a modernização de Portugal, queria lançar o país novamente às grandes nações europeias. Talvez seja essa a explicação para tal imitação dos clássicos gregos, pois queria mostrar ao mundo as fontes que influenciavam ao escrever seus romances portugueses. Essa atitude dava-lhes certo conforto e credibilidade. Pode-se observar a imitação grega encontra-se no capítulo XXIX (p. 219): “E os rapazes? Para com estes experimentou Daniel a receita de Orfeu para abrandar as pedras; tentou a música.”.

Apesar de ser um autor de transição, Diniz apresenta o Romantismo com uma nova roupagem, sem o exagerismo e pessimismo da 2ª geração conhecida como ultrarromântica.

Um dos acontecimentos mais importantes relacionado à estética romântica foi o surgimento do público leitor. A literatura, assim como a pintura, a música e a

arquitetura, torna-se popular, e Diniz, apesar de seu estilo de romance contemporâneo, apresenta o mundo rural de Portugal com seus estereótipos tipicamente romântico, já que preocupava-se como o público leitor receberia suas obras.

O nacionalismo é uma característica presente na obra, pois queria mostrar ao mundo as belezas e o passado histórico de Portugal, para tanto, exaltavam a natureza pátria e os costumes portugueses, como se observa no capítulo V (p. 37): “Sempre mandarei o pequeno para o Porto [...]. Nas terras grandes é que se fazem os homens [...]”.

Diniz queria mostrar ao mundo os costumes portugueses, para tanto narra o episódio da esfolhada no capítulo XXVIII (p. 208 e 209): “[...] à primeira esfolhada em casa de José das Dornas assistiu ainda Pedro como rapaz solteiro.”.

Mais uma característica importante do Romantismo é o sentimentalismo, onde ocorre uma valorização em demasia das emoções pessoais, o que gera o subjetivismo. Esse sentimentalismo pode ser exemplificado no capítulo V (p. 21):

[...] dirigindo, de tempos a tempos, meio sorrisos para Daniel, que deitado aos pés dela, de braços, com os cotovelos fincados no chão e o queixo pousado nas mãos, parecia, ao contemplar embevecido os olhos da engraçada criança, estar divisando neles todos os dotes mencionados na canção da Morena, que lhe ouvimos cantar.

Em oposição ao Classicismo, o cristianismo ganhou força e espaço nos romances Românticos, a presença da figura da igreja e dos sacerdotes era bem vista e apreciada pelo leitor. Nesse contexto, o próprio título do romance remete a visão do mundo português católico, pois por um gesto de bondade o reitor de um pequeno povoado adota duas órfãs, para que não caíssem no mundo dos homens, e as encaminhassem na religiosidade, como observar-se no capítulo XXXVII (p. 283): “Era nos Evangelhos que a pequena lia. O reitor recomendara o livro a Margarida, dizendo-lhe que o ensinasse às discípulas, que era guia seguro.”

Margarida era professora das crianças da aldeia, desenvolvia a função com muito amor e dedicação. Assim, doava-se para aquelas crianças de uma forma impressionante.

A religiosidade está presente em toda narrativa, capítulo XXXVI (p. 278) registra: “Tendo salvado a irmã, a generosa rapariga só tinha agora, orações para pedir ao Senhor a salvação de Daniel. De si esquecera-se!”

A devoção aos santos católicos e a Virgem Maria mostram ao leitor o quão é devoto o povo português e o quanto essa religiosidade faz parte de seus costumes. Outro trecho destacado capítulo XXXIII (p. 257): “Aos pés de uma imagem da Virgem, pedindo então misericórdia e prometia evitar, dali em diante, todas as ocasiões de novos perigos.”

O propósito da supervalorização da religiosidade fica evidente no trecho abaixo:

[...] os românticos pretendem a reabilitação do Cristianismo anterior às lutas da Reforma e Contrarreforma, quer dizer, do Cristianismo considerado virtuoso e ingênuo como só teria sido praticado na Idade Média. (MOISÉS, 1981, p. 146)

O amor também está presente em suas diversas modalidades: o amor platônico de Margarida por Daniel; o amor fraternal de Margarida por Clara; e o amor paterno do Reitor por suas pupilas. Pode-se dizer que Margarida é a representante do Romantismo no romance, por ter as características típicas do movimento literário. Seu sofrimento começou com a morte da mãe ainda pequena e se estendeu ao longo da vida, como observado no capítulo XVI (p. 115):

Margarida não foi senhora do seu coração a ponto de não vestir certa amargura, ao comparar a intensidade da impressão, produzida por sua irmã no ânimo de Daniel, que pela primeira vez a via, à indiferença, com que ela fora desatendida-ela, por quem devia falar tantas memórias do passado.

A excessiva valorização do amor e do “eu” acabam gerando o egocentrismo. A madrasta de Margarida, mãe de Clara, desprezava a enteada por completo achando demais lhe dar até de comer. Por ser filha do primeiro casamento do pai, Margarida era vista pela madrasta como um empecilho, atrapalhava sua vida e de sua filha, capítulo VIII (p. 49 e 50): “A cada passo lhe lançava em rosto a pobreza de condição em que nascera, clamando que o pão que lhe dava a comer era um roubo que fazia a sua própria filha.”

Ainda, um trecho do romance que se encontra de forma latente o egocentrismo é no tocante ao triângulo Pedro, Clara e Daniel. Mesmo sabendo que

Clara era noiva de seu irmão, Daniel investiu sem escrúpulos em Clara, pensando apenas em seus próprios sentimentos. O episódio narrativo que registra a ocorrência encontra-se no capítulo XXIX (p. 226): “Daniel, por mais de uma vez, serviu-se das fraudes usadas por os serendeiros e frequentadores de esfolhada, para renovar os abraços; e isto sem procurar ocultar-se de Clara”.

Embora o romance tenha tantas características Românticas, todas foram desenvolvidas amenamente, sem os exageros típicos dos românticos. Diniz, nesse momento, já se encontrava em uma fase de grande amadurecimento.

Júlio Diniz é atemporal, pois transitou entre os movimentos literários de maneira ímpar. Não apenas transitou como também antecipou com suas narrativas sem os exagerismos e pessimismos tão presentes nas obras românticas. De acordo com essa concepção, seguem as antecipações realistas encontradas no romance “As Pupilas do Senhor Reitor”.

O objetivismo aparece como uma negação ao subjetivismo dos românticos e mostra o homem voltado para os acontecimentos ao seu redor. O subjetivismo deixa de ser o principal, dando ao exterior o lugar de destaque. Encontra-se a referida característica presente no capítulo X (p. 71): “Era bem triste, depois de sonhos assim, acordar na amarga realidade do presente desencantado; mas era inevitável. O destino decidira de outra sorte.” Moisés (1981) confirma que:

[...] os realistas [...] eram antirromânticos confessos, o que significava serem anti-subjetivistas, ou adeptos do objetivismo. Com efeito, pregavam e procuravam realizar a filosofia da objetividade: o que interessa é o objeto, isto é, aquilo que está fora de nós. Diante de nós, o *não-eu*. (MOISÉS, 1981, p. 204)

As características do Realismo estão intimamente ligadas ao momento histórico em que a escola literária está inserida. Um período em que Portugal passava por grandes agitos políticos, sociais e culturais. O avanço das ciências possibilitou ao homem do século XIX formular teorias que regiam o comportamento do homem dentro da sociedade.

Nesse contexto, a teoria do Evolucionismo de Charles Darwin eliminava a aura espiritual e mística do homem, mostrando sua evolução no decorrer da história, e isso o nivela com os outros seres humanos. A teoria darwinista questionava a história contada pela igreja no decorrer dos séculos. Tal característica é encontrada

no capítulo XI (p. 78): “[...] Mas o Sr. João admira-se? E então se eu lhe disser que ele provou também que um homem é a mesma coisa que um macaco?”

O positivismo, filosofia formulada por Augusto Conte, defendia a importância dos avanços da ciência para o bem da sociedade, pois a realidade é concreta, objetiva e lógica. Essa influência filosófica encontra-se presente, em especial, no capítulo XVI (p. 99): “Daniel falou em mil assuntos: nos aperfeiçoamentos da análise médica, no microscópio, na eletricidade, na química, na anatomia patológica, com um ardor de proselitismo [...]”.

O determinismo, teoria de Hipólito Taine, explica que todos os comportamentos humanos são direcionados de acordo com o meio em que vive, pela hereditariedade, de raça e pelo fato histórico. A teoria supracitada pode ser relacionada com os ditos populares dos dias atuais. “Filho de peixe, peixinho é.” E “diga-me com quem tu andas que te direi quem és.” No romance encontra-se o determinismo logo no início da narrativa no capítulo I (p. 6): “Pedro que era o mais velho, não podia negar a paternidade. Ver o pai era vê-lo a ele; a mesma expressão de fraqueza no rosto [...]”. Ainda sobre o determinismo é importante observar:

Adeptos de Taine aceitavam que a obra de arte está condicionada ao ambiente, à herança e ao momento. Desta forma entendiam que todo ser vivo estaria sujeito às mesmas leis universais que regem os seres inanimados, de modo que o homem também se submetia às condições gerais de vida existente no planeta. (MOISÉS, 1981, p. 205)

O anticlericalismo também encontra suas raízes nesse romance, embora não de maneira intensa, pois sabe-se que a religiosidade é característica marcante do Romantismo e principalmente do povo português. No capítulo XXXIII (p. 254) observa-se a ironia do personagem João Semana conversando com o Sr. Reitor: “[...] eu digo agora como aquele franciscano, a quem repreendiam por, já na idade avançada, cair anda na fraqueza, em que Noé caiu.”

Essa citação estabelece uma relação de intertextualidade com a Bíblia (1998), mais especificamente com o livro de Gênesis capítulo nove, versículo 21, mencionando a história de Noé que se embebedou. O corrido que se faz referência foi após o dilúvio, quando começou a cultivar a terra e plantou uma vinha. A partir deste episódio, a personagem de Júlio Diniz fundamenta sua anedota de frades.

Diniz ao compor a personagem Margarida, verifica-se que introduziu algumas características de antecipação do Realismo. Tal fato fica clarividente no capítulo XXXVII (p. 283): “- Que rapariga esta, meu Deus! Depois do que se passou ontem, já hoje a cumprir a suas obrigações, com aquela serenidade do costume!”

A partir de todas as comprovações sugeridas, percebe-se que o escritor português trouxe de maneira amena as características realistas que ganharia força em seus romances posteriores.

1.2 Os Fidalgos da Casa Mourisca

Quando, no centro de qualquer aldeia, se eleva um palácio, um solar de família, distinto dos edifícios comuns por uma qualquer particularidade aquitetônica mais saliente, ouvireis no sítio designá-lo por nome de Casa Mourisca, [...].

Era o que sucedia com o solar dos senhores Negrões de Vilar de Corvos, que, em três léguas em redondo, eram por isso conhecidos pelo nome de Fidalgos da Casa Mourisca.

Júlio Diniz, “Os Fidalgos da Casa Mourisca”.

Escrito em 1871, foi o último romance do autor. Apresentou a oposição entre burguesia rural e a nobreza arruinada. O autor mostrou o clima de incerteza e conflitos no campo político e social num período pós-guerra entre liberalismo X absolutismo na cidade do Porto em 1820.

Com a vitória do liberalismo, Diniz narra os acontecimentos portugueses com uma visão otimista do regime liberal, mostrando o velho e o novo país segundo tal perspectiva. Moisés (1981) afirma que:

[...] sente-se o “arauto das inquietações populares”, mago, profeta estigmatizado com a marca de gênio; acredita no ideal como guia do homem, e pregando o progresso deste, visiona o despontar de uma era de luz, sob o signo de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. O povo em geral, composto de burgueses e plebeus, torna-se motivo literário exclusivo. (MOISÉS, 1981, p. 144)

Assim como nos outros romances, Diniz volta-se para a velha concepção de que a vida campesina seria uma fonte de virtudes e de aventura, enquanto o meio urbano é um antro de corrupção e causa de todos os males e sofrimentos. No capítulo 1 (p. 7), onde D. Luis, desgostoso e extremamente revoltado, asilou-se numa aldeia após o regime liberal ter se implantado em Portugal, vê-se:

Fêz-se a paz, e implantou-se no país a árvore da liberdade; D. Luis deixou então a vida da corte e veio encerrar no canto da província os seus despeitos, os seus ódios e os seus desalentos. Trouxe consigo um enxame de misantropos, a quem o sol da liberdade igualmente incomodava, e que tinham resolvido pedir à natureza conforto contra os supostos delitos da humanidade.

A natureza poderia ser vista como personagem central desta narrativa, pois todo o enredo é fundamentado na recuperação das terras da chamada Casa Mourisca. O maior desejo de Jorge era ver a paisagem de outrora se restabelecer em suas terras. Diante disso, observa-se o culto à natureza, que dava ao leitor uma visão edênica, a imagem do paraíso campestre vivido na aldeia, como se vê no capítulo II (p. 17 e 18):

Era a época de mais intensa vida nas granjas. Os cereais, cobrindo as eiras, lourejavam aos raios desanuviados do sol; carros, a vergarem sob o fardo das colheitas, transpunham lentos as portas patentes do quintal, chiando estridorosamente; apinhavam-se além em montes as comas e o folheto de milho, restos de recentes descamisadas; [...] e de tudo isto erguia-se um clamor de trabalho, que o sossêgo dos campos e a serenidade do dia deixavam chegar distinto até ao alto da colina.

Júlio Diniz, assim como muitos escritores da época, precisava de uma posição confortável e tranquila em relação a sua produção literária. Para tanto, dialogava com outros renomados autores, por certo de literaturas consideradas cânones, para dizer aos leitores em que fontes eram inspiradas suas obras.

Diante desta realidade, o autor retoma os clássicos para dar intensidade à sua obra, como pode ser observado no capítulo X (p. 112): “Era um exemplar do poético idílio de Saint-Pierre, da história dos amores de Paulo e Virgínia.”

Também no capítulo XI (p. 123) observa-se: “No meio desta legião feminina assim atarefada, a patroa da casa, que, como Calipso sobre as ninfas que a serviam, ou, segundo a comparação clássica, como o elefante cipreste sobre as vinhas rasteiras, [...]”

O amor galante, em contrapartida ao amor romântico, também está presente na personagem Berta. Identifica-se isto no capítulo XXI (p. 236):

O ideal de Berta não era somente belo, era generoso e impecável e Maurício não atingira tão alto. [...] Pelo contrário, de dia para dia lhe

aparecia mais na sua verdadeira luz o caráter de Jorge, dêsse rapaz honesto, generoso, grave, respeitado por todos. As suas qualidades morais atraíram enfim a atenção de Berta, [...] era êle sem o suspeitar, o objeto da contemplação de Berta [...].

Berta estava se apaixonando por Jorge não apenas por atributos físicos, mas sim suas características notáveis que o tornavam um partido ideal, porém desconhecido pela aldeia. O Romantismo também se fez presente, porém de maneira menos exagerada e mais autêntica.

Portugal estava no regime liberal e havia uma grande necessidade de se exaltar a pátria; o nacionalismo esteve presente no romance no personagem D. Luiz, que era secretário da embaixada em Viena, capítulo I (p 6):

Ao manifestarem-se em Portugal os primeiros sintomas da profunda revolução, que devia alterar a face social do país, D. Luis mostrou-se logo hostil ao movimento nascente, e abandonando então seu lugar diplomático, voltou ao reino para representar um papel importante nas cenas políticas dessa época.

D. Luis repudiava as ideais liberalistas, no entanto a família de sua esposa abraçou a causa. Assim, o egocentrismo está ligado à esposa de D. Luis, pois esta ao saber da morte de seu irmão mais novo e querido, entregou-se a tristeza, não pensando em seus filhos e marido; capítulo I (p. 7): “O coração amorável e extremoso de infeliz senhora recebeu então um golpe decisivo, das decisões, das consequências daquela dor nunca mais podia ela convalescer. A sua vida foi depois toda para luto e tristeza.” Em oposição aos clássicos, os românticos:

[...] substituem a visão macrocômica que os clássicos tinham da vida e da arte, por uma visão microcômica, isto é centrada no “eu” interior de cada um. [...] A tal ponto que, quando se projeta para fora de si, não consegue ver os objetos ou sentimentos alheios e coletivos [...] (MOISÉS, 1981, p. 142)

A supervalorização do amor e a idealização da mulher estão presentes na obra na figura de Maurício, um dos fidalgos da Casa Mourisca, que se vê perdidamente apaixonado por Berta, filha de Tomé da Pavoia – ex-criado da Casa Mourisca. Maurício vivia a cortejar e a enamorar pelas belas moças da aldeia, mas se viu numa situação difícil com Berta. No capítulo XVI (p. 176 e 177):

Mas, de justiça é que se diga, o amor, a paixão, a inclinação, o capricho, ou com mais rigoroso nome tenha, o sentimento de

Maurício para Berta atingido a máxima intensidade a que poderia subir os afetos daquela caráter volúvel. [...] Berta demais possuía sobre as outras mulheres que nas épocas sucessivas haviam reinado na imaginação deste rapaz, [...] e até a desafetada reserva com que lhe tinha acolhido o galanteio.”

Certamente Maurício seria o representante do romantismo neste romance devido suas características serem similares à dos boêmios do período e abarcar dentro de si a desilusão de um amor não correspondido.

Outra característica bem estruturada no romance é o sentimentalismo. No capítulo XVIII (p. 214), que narra o reencontro de D. Luis com sua afilhada Berta, faz-se destaque: “E cedendo à comoção que de novo o dominava, o severo e implacável D. Luis, [...] apertou a afilhada nos braços e passou-lhe na fonte um beijo como os que dava em Beatriz. E ao separar-se daquele lugar ia outra vez com as lágrimas nos olhos”. No capítulo XXIII (p. 267) lê-se:

E vergaram-se-lhe os joelhos diante daquela porta misteriosa, e, soluçando e rebentando-lhe enfim impetuosas as lágrimas dos olhos, caiu, dizendo em uma desvairada exclamação: - Ó minha filha! Minha filha! Se és tu que assim me arrebatas deste mundo, tem compaixão do teu velho pai, e não partas sem que lhe apareças um instante que seja!”

Desde a morte de sua filha Beatriz, D. Luis tornou-se seco e amargo, sofrendo com uma ferida que, segundo ele, jamais cicatrizaria. Ao ver Berta ao longe, D. Luis julgou ser Beatriz e ficou extremamente emocionado com a aparência similar de ambas. Ao entrar na Casa Mourisca, D. Luis crê que era Beatriz a tocar sua música preferida na harpa. Ambas as citações trazem uma carga repleta de sentimentalismo e subjetividade. De acordo com Moises (1981):

[...] o sentimentalismo implica introversão, e os românticos vivem voltados para dentro de si, na sondagem de seu mundo interior, onde vegetam sentimentos vagos. [...] os sentimentos já de si contrastantes, levam ao desequilíbrio [...]. (MOISES, 1981, p. 142).

Neste romance, Júlio Diniz apresenta de maneira mais evidente os ideais que dariam origem mais tarde ao Realismo, por mostrar a sociedade portuguesa da época. Neste cenário, encontra-se a figura do padre Januário, que era administrador da Casa Mourisca, logo no início da narrativa, pois ele e seus negócios arriscados e arbitrários levaram a falência do velho solar, capítulo I (p. 10):

Faça-se justiça ao padre, que não era de má fé, nem em proveito próprio, que êle apressava, com mão poderosa, a decadência de D. Luis. Mas, homem de certas faculdades e de nenhum expediente financeiro, se obtinha capitais para o seu constituinte, nas crises apertadas, era sempre sob condição de tal natureza, que deixava de cada vez mais onerada a propriedade e mais irremediável o triste futuro dela.

Verifica-se que no início da narrativa, o autor não acusa sagazmente o padre da ruína do solar, mas no decorrer do romance não pode se dizer o mesmo, no capítulo VII (p. 76) se evidencia:

Jorge pela primeira vez lhe fazia ver os erros de ofício que ele (Frei Januário) cometera, a imprudência com que dirigira certos negócios, o desleixo em que deixara outros, a ilegalidade de certos atos, os riscos em que pusera parte dos bens da casa. [...] Em uma palavra, o resultado da conferência foi exatamente o oposto ao que frei Januário prognosticara. Quem dela saiu atordoado, desgostoso e disposto deveras a não querer saber mais da administração da casa, foi o padre e não o rapaz.

O objetivo do frei ao mostrar a documentação do solar era fazer que Jorge desistisse de administrá-la, deixando-o livre para continuar agindo como bem entendesse.

A revelação do homem com o meio em que vive é fundamental para o desenvolvimento global deste indivíduo. Nesta perspectiva, encontra-se a teoria de Taine sobre o determinismo. Nesta perspectiva, Maurício, filho mais novo de D. Luis, ora era influenciado pelo irmão Jorge com sua personalidade séria e reflexiva, ora por seus dois primos do Cruzeiro, que eram donos da especulação e da desordem na aldeia. No capítulo XIII (p. 137) lê-se:

Maurício imitava-os meio constrangido, mas imitava-os. Se às vezes os seus melhores instintos ou a influência do teatro com Jorge o faziam conter, a reflexão maliciosa de qualquer dos primos, que irônicamente lhe celebrava a candura, impelia-o a vencer a primeira hesitação, e afinal dava ao passo que lhe repugnara.

O autor apresenta o cotidiano da personagem Tomé de maneira objetiva e clara, pois sua história foi baseada em lutas e sofrimentos que superou as desventuras de um simples lavrador, para depois um dos grandes fazendeiros da aldeia. Essa objetividade veio para substituir subjetivismo tão marcante do

Romantismo, com o intuito de dar realidade a sua obra. No capítulo VI (p. 65) observa-se:

De fato, as informações de Tomé, os frutos da própria reflexão, as idéias adquiridas na leitura meditada nos poucos livros da sua biblioteca, foram os elementos com que o espírito essencialmente metódico e organizador de Jorge construiu um completo sistema de administração [...].

E sendo a sociedade concreta e lógica, surgiram então ciências como objetivo de analisá-la. Essa filosofia criada por Augusto Comte denominou-se positivismo. Neste romance tal filosofia se faz presente, mesmo antes de seu despontamento. No capítulo XIV (p. 152) apresenta esta informação: “- Transportas-me de surpresa! Uns dias a seguir da janela do teu quarto o caminho das nuvens, outros a errar à meia-noite por entre as sombras dos bosques! Em que havia de dar a aritmética!”

Como pode ser verificado nas obras analisadas, Júlio Diniz, um autor romântico, através das suas personagens perpassa por diversos caminhos na literatura, onde apresentava características diversas. O autor faz uso em suas obras dessa diversidade para construir seu enredo de maneira que agradasse e viabilizasse sua leitura.

Conclusão

O literato Júlio Diniz foi uma figura indispensável para a literatura portuguesa e também para os estudos da literatura brasileira. Antes mesmo de autores como Machado de Assis, Jorge de Lima, Vinícius de Moraes e outros transitarem por diversos estilos literários, Diniz já havia feito esse percurso, deixando um grande legado.

Assim, por meio da análise dos romances, observa-se de forma contundente características de outros estilos literários que são desenvolvidos e manifestos em suas personagens, no cenário e também na linguagem, que é marca da identidade de um povo.

A riqueza de detalhes nas obras dinizianas são construídas de forma híbrida e atrativa para não desgastar o leitor, como fez o estilo anterior. Diante desse fato, Júlio mostra ser um ficcionista com uma narrativa linear, de descrição social sustentada por uma linguagem coerente, de fácil comunicação.

Por intermédio da análise realizada, o estudo apresenta manifestações das três estéticas literárias presentes no romance em análise: Arcadismo, Romantismo e Realismo. Ao encontrar características dessas escolas literárias em “As Pupilas do Senhor Reitor” e “os Fidalgos da Casa Mourisca”, ratifica-se a transitoriedade supracitada. Assim sendo, o escritor precisava realizar esses trajetos em outras estéticas para se sentir completo. Com isso, o literato prova que qualquer movimento, em especial na literatura, não é completo e nenhum estilo de época fica preso em um compartimento estanque.

Portanto, no ficcionista se encontra um bom exemplo do que os Modernistas da primeira fase chamam de Antropofagia. Termo cunhado pelo brasileiro Oswald de Andrade quando propôs devorar a cultura estrangeira, construindo uma miscelânea ideologia na literatura produzida até o início do século XX que revelasse nossa identidade nacional. Diniz se comportou como um antropofágico quando busca extrair do arcadismo o que era bom. O literato preocupado com a estética da recepção, faz isso com sutileza de artista, de forma que essas características viessem aliviar a alma conturbada do homem burguês da época.

Júlio em seu trânsito, além de perpassar pelo Arcadismo, abre caminho ao Realismo, através de suas ideologias. A capacidade que possibilitou o autor antecipar um estilo de época, justifica-se ao constatar que em suas obras se preocupava mais com o que via do que com o que se imagina. Essa característica o autor herdou de sua mãe que lhe educou.

Assim, construiu-se esse trabalho que por certo servirá para de enriquecimento dos estudos de literatura portuguesa, em especial das obras de Júlio Diniz, que é um autor conceituado e lido ainda nos dias atuais. O prestígio que as obras do referido autor possuem, dado por todas as camadas sociais e idades, deve-se ao fato de Diniz pressupor uma melhoria, embora remota, para a humanidade.

Referências bibliográficas

AMORA, A. S. Presença da Literatura Portuguesa. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1992.

ABDALA JR, B.; PASCHOALIN, M. A. História Social da Literatura Portuguesa. 2. ed. São Paulo, 1985.

BÍBLIA. Português. A Bíblia Sagrada. João Ferreira de Almeida. Edição Contemporânea. São Paulo: Editora Vida, 1996.

CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELLOTA Mário Eduardo. (Orgs.). Linguística Funcional: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

DINIZ, J. As Pupilas do Senhor Reitor. Porto: Tipografia Sequeira, 1954.

_____. Os Fidalgos da Casa Mourisca. São Paulo: W. M. Jackson Inc. Editores, [s.d.].

INFANTE, U. Curso de Literatura de Língua Portuguesa: Vol. U: Ensino Médio. São Paulo: Scipione, 2001.

MOISÉS, M. A Literatura Portuguesa. 17. ed. São Paulo: Cultrix, 1981.

_____. A Literatura Portuguesa através dos textos. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

_____. A Literatura Portuguesa em perspectiva: Romantismo e Realismo. São Paulo: Atlas, 1992.

NICOLA, J. de. Literatura Portuguesa: das origens aos nossos dias. 7. ed. São Paulo: Scipione, 1999.

_____. Literatura Portuguesa: da Idade Média a Fernando Pessoa. São Paulo: Scipione, 1990.

SARAIVA, A J.; LOPES, O. História da Literatura Portuguesa. 17. ed. Porto: Porto Editora, 2005.